

Editorial

WebMosaica Porto Alegre, volume 2, número 2, julho-dezembro 2010

TEMOS A SATISFAÇÃO DE PUBLICAR A QUARTA EDIÇÃO DA REVISTA WEBMOsaICA (v.2, n.2 – julho-dezembro de 2010), com a qual, a exemplo das anteriores, trazemos artigos de temática judaica escritos por intelectuais e acadêmicos judeus e não judeus, oriundos de diversos países e estados do Brasil, sobre aspectos variados e sob múltiplos pontos de vista. Acreditamos que, da mesma forma como as edições lançadas até aqui, a WEBMOsaICA espera nesta também oferecer aos leitores trabalhos instigantes que demonstram tanto a riqueza da temática de estudos judaicos como sua capacidade de oferecer subsídios a pesquisadores de outros temas, nas áreas de História, Sociologia e outras.

Este número contém três artigos no **Dossiê**, com enfoque no tema *Os judeus e as ideologias*; dois de temas livres; uma entrevista; dois textos memorialistas e duas resenhas. O número de artigos acadêmicos diminuiu em relação aos números anteriores, basicamente por dois motivos: em primeiro lugar, o rigor dos avaliadores dos trabalhos submetidos à publicação (alguns dos textos não publicados exigiriam um esforço adicional de pesquisa e rescrita que demandaria de seus autores tempo superior ao prazo da revista); em segundo lugar, a extensão de dois artigos que compõem o **Dossiê**, os quais, pela sua qualidade e ineditismo, fizeram-nos descumprir a norma referente ao tamanho máximo dos artigos a serem publicados na revista e deixá-los ocupar um espaço importante neste número.

O **Dossiê** inicia com o artigo de Luiz Nazario, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, resultado de uma ampla pesquisa sobre o cinema nazista que contribuiu para sua tese de doutoramento (*Imaginários de destruição: o papel da imagem na preparação do Holocausto*), defendida em 1994, na Universidade de São Paulo, e que permanece inédita. Em *O ideário nazista nos filmes de Hans Steinhoff*, o autor defende a tese de que, mais que quaisquer outros cineastas que produziram sob o “Terceiro Reich”, Hans Steinhoff apresentou em seus filmes o ideário nazista com *glamour*. Um dos diretores mais afinados com a política biológica da ideologia hitlerista, nazista convicto, Steinhoff realizou alguns dos mais representativos filmes nazistas de “entretenimento”. O autor rastreia, resenha e examina a produção de Steinhoff desde o primeiro filme que chamou a atenção da críticas – *Scampolo, Ein Mädel der Strapse*, de 1932 – até sua última produção, inacabada, em 1949, quando a Alemanha assina a capitulação, e os técnicos, atores e ele mesmo fogem de Praga, culminando com sua morte na queda do avião em direção à Espanha, atingido por um bombardeiro russo.

O segundo artigo do dossiê tem como autor o norte-americano Kenneth Moss, professor da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos. O autor aborda uma problemática que, apesar de ter tido grande interesse em países de língua inglesa (dos cerca de 120 artigos ou livros consultados pelo autor, mais de 20 tratam diretamente desse as-

sunto), permanece desconhecida no Brasil: os esforços de intelectuais judeus na criação de uma cultura judaica independente da política e a relação entre “nacionalismo” e “cultura” nos primeiros anos da Revolução Russa, na segunda década do século XX. No texto *Arnold em Aysbeshok, Schiller em Shnipshok: imperativos da cultura no nacionalismo e socialismo judaicos*, Moss discute a formação de uma cultura judaica com foco na questão dos esforços no sentido de criar, disseminar e institucionalizar uma *Kultur* judaica moderna. O autor apresenta tais esforços sob a perspectiva do nacionalismo judaico na Europa Oriental e o que, segundo ele, seria o “seu projeto cultural”, investigando a ideia e a prática da “cultura judaica” naquela região europeia no período que considera o “divisor de águas revolucionário”, de 1917 a 1921. Seus argumentos recorrem a fundamentos historiográficos, antropológicos e sociológicos, dando subsídios e consistência à discussão de questões como *intelligentsia* cultural judaica, culturalismo judaico, nacionalismo cultural judeu, socialismo judaico, hebraísmo e iídichismo cultural, nacionalismo e ideologia, cultura e cultura judaica.

Cabe destacar que tanto o texto de Nazario como o de Moss são excelentes exemplos de pesquisas científicas rigorosas, que demandaram grande empenho no trabalho e obstinação na busca e no exame das fontes documentais sobre as quais seus autores fundamentaram suas análises. Em ambos os casos, o conhecimento de línguas estrangeiras foi fundamental: enquanto Nazario realizou sua pesquisa em cinematecas alemãs, vendo e examinando todos os filmes em sua versão alemã original (algumas vezes em sessões especiais, das quais era o único espectador, de acordo com seu relato aos editores da WEBMOsaICA), Moss fez uso de conhecimentos em hebraico e em iídiche para ler artigos e livros indisponíveis em outras línguas. No caso do trabalho de Moss, adicionalmente, revelam-se também

conhecimentos em diferentes campos disciplinares, mostrando o valioso uso da interdisciplinaridade.

O terceiro artigo do **Dossiê**, *Sionismo e progresso: dois projetos para o judaísmo brasileiro*, de Carlos Eduardo Bartel – doutorando em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – tem muito a ver com o trabalho de Moss, embora focado nos imigrantes judeus no Brasil, tendo em vista a problemática dos ideais sionistas e não sionistas, da origem dos imigrantes (a Europa Oriental) e do período (primeira metade do século XX). Ao evidenciar o confronto entre *sionistas* e *progressistas*, Bartel analisa as contribuições desse confronto para a formação de uma comunidade judaico-brasileira. Nesse sentido, diferentemente do trabalho de Moss, seu texto trata de um assunto familiar a muitos judeus brasileiros, que vivenciaram e/ou vivenciam diversas posições (e talvez divisões) religiosas e ideológicas dentro do judaísmo, mas possivelmente pouco conhecido por pesquisadores não judeus.

Na seção de **Artigos**, trazemos dois trabalhos de autores estrangeiros, ambos publicados anteriormente em outras línguas – holandês, no caso do artigo da israelense Athalya Brenner, e francês, no caso do artigo do franco-mexicano Jean Meyer – mas inéditos em português.

Athalya Brenner apresenta um texto provocativo e interessante, no qual analisa o capítulo 23 do livro do profeta Ezequiel, da Bíblia Hebraica, numa perspectiva feminista. Nessa perspectiva, as imagens de feminismo e de mulher contidas no texto de Ezequiel são criticadas, uma vez que elas associam o pecado às mulheres e, assim, contêm uma concepção subjacente da natureza feminina como potencialmente negativa, enquanto a natureza masculina é valorizada positivamente. Adicionalmente, no prefácio do livro *A feminist companion to the latter prophets* (Sheffield Academic Press, 1995), por ela organizado, Brenner esclareceu que a postura crítica

aos textos dos últimos profetas (entre os quais se situa Ezequiel) tem como implicações, por um lado, a rejeição à sua *autoridade* “profética” e, por outro, a contribuição para a desestabilização dessa mesma autoridade. Em face dessas críticas, ela aborda as assim chamadas “profecias” como relatos e ensinamentos (sermões?) de conteúdo social e político, propondo ser mais útil a consideração dos livros dos últimos profetas como uma coleção de gêneros literários do que como reveladores de fenômenos históricos.

No artigo *Da violência à religião: ida e volta*, Jean Meyer – professor do departamento de História do Centro de Investigação e Docência Econômicas (CIDE), no México – coloca em questão a ideia, partilhada por alguns historiadores, de que a religião, particularmente na sua forma monoteísta, está na origem do redobramento da violência (guerras civis, mas também conflitos internacionais) no mundo contemporâneo. O autor reconhece a presença da religião na origem de diversos conflitos, da mesma forma como, no passado, teólogos justificaram guerras (as Cruzadas, por exemplo): guerras de religião e guerras nacionais. Assim, nos últimos dois mil anos, uma enorme bibliografia associa o cristianismo à violência e à brutalidade espiritual e física, policial e sexual, política e mental, entre as quais estão a Inquisição, as Cruzadas, a conquista da América e depois da África, o antijudaísmo e as fogueiras das bruxas. No entanto, outras violências – como as ações de Hitler e seus comparsas – são erroneamente vinculadas à religião. Para contrapor à formulação da religião como causadora de violências, Meyer examina diversas situações históricas, como as guerras balcânicas no período 1991-2001, em que a religião não é a causa única, nem mesmo a causa decisiva dessa violência coletiva, embora ela possa ter um papel de “marcador” de identidade.

Na seção **Entrevista**, Helena Lewin aborda te-

mas como identidade judaica, principalmente em suas formas de expressão e em termos de continuidade, e as relações dos judeus com pessoas de outras religiões ou categorias étnico-culturais. Para Lewin,

a identidade é uma construção cultural realizada por cada sujeito individualmente, mas assentada no acervo coletivo ao qual pertence, contendo elementos de flexibilidade e interpretação que permitem variações decorrentes de sua inserção sociofamiliar e espaçotemporal.

A transmissão dessa identidade, de geração em geração, não se faz mecanicamente; a identidade também “não é uma marca genética, não garantindo, portanto, sua repetição intergeracional”. Com base em sua experiência como educadora e ativista em trabalhos comunitários nas áreas de educação e cultura em escolas judaicas e como professora universitária, Helena Lewin considera que tanto a participação como a educação judaica são fundamentais para a continuidade do judaísmo. Para ela,

é necessário avaliar o conteúdo judaico das escolas, a relação da comunidade judaica com seu entorno para ser um partícipe pleno da sociedade brasileira e, sobretudo, a possibilidade de uma mudança de comportamento, transformando o judaísmo envergonhado num judaísmo orgulhoso, sem que isso signifique a exclusão do outro.

Na seção **Memória**, no artigo *Plantando uma floresta de árvores genealógicas*, Esther Hecht reconstrói trabalhos de diversas pessoas no sentido de avançar na criação e na divulgação de bancos de dados e de realização de pesquisas que permitem um melhor entendimento de redes sociais e de redes familiares de relacionamentos presentes nas comunidades ju-

daicas no período que antecedeu o Holocausto. Hecht tece comentários sobre o trabalho realizado por Sallyann A. Sack, que tem se dedicado ao desenvolvimento da genealogia judaica através da participação na fundação de institutos internacionais de genealogia judaica e na criação da revista *Avotaynu*, justificando seu interesse pelo assunto pelo fato de a genealogia combinar seu “amor em ser judia”, sua “grande curiosidade sobre pessoas” e seu “interesse em história”.

Na mesma seção, Jacó Guinsburg descreve, em *Na downtown novaiorquina: Aba Caban*, a saga da primeira geração de *eastiders*, a de *downtown Jews*, os imigrantes judeus chegados dos *shtetlakh* da Europa Oriental para se estabelecerem nos pardieiros da parte baixa, ou seja, da *downtown* novaiorquina, e “a dramática busca de sobrevivência física, econômica, identitária, individual e coletiva, que vai se precipitar, com seus sonhos de redenção, libertação e eldorados, às margens do Hudson, no *American way of life*”, registrando o fato de que, ao passar do tempo, com o seu povo ascendendo economicamente e transferindo-se para as regiões mais altas, a *uptown*, a Hester Street – referência ao *Shtetl-East Side* – “se converteu em uma legenda simbólica de algumas fotografias”.

Na seção **Resenhas**, Cláudio Leitão e Betty Bernardo Fuks analisam livros de temática judaica, cada um examinado segundo a formação e atuação de seus respectivos resenhistas. Cláudio Leitão faz um precioso estudo literário sobre a obra de Amós Oz, *De amor e trevas*, realizando uma leitura dessa na perspectiva de

mas não como a exatidão escravizada pela exigência de um depoimento.

Leitão chama a atenção para o narrador, que assume “voz coletiva para a fala solitária do *eu* da história, escritor futuro, adulto e menino protagonistas”. Ele destaca, ainda, uma ideia central na história do protagonista: a presença dos livros, literalmente do teto ao chão, numa casa extremamente pequena, em meio aos quais o narrador cresce e com os quais amadurece na cidade de seu nascimento, Jerusalém, que Oz qualifica de “mítica e transtemporal”. Literariamente, confere rica conotação metafórica à palavra *wadi*, que denotativamente significa acidente geográfico característico de rios temporários, substantivo árabe que significa leito de rio caudaloso nos três ou quatro meses chuvosos de inverno e seco no restante do ano. Leitão atribui à metáfora um potencial de energia na representação metafórica do espaço trazido pela palavra que carrega um rio, mas que não é rio. Momentaneamente seco e usado para passeios solitários e descanso das emoções, o *wadi* abre uma sucessão de espaços imaginários, preenchimento daquele vazio de águas, trazendo sossego, prazer e imaginação. Das águas presentes na ausência dos leitos ocasionalmente secos de rios sobrevivem as ideias, material imaginado para a escrita das memórias e para a realização de aspirações escritas ou não. A partir da interpretação, segundo ele, de que era “fundamental para Oz a atração pelo vazio que exerce sobre o protagonista cada *wadi* encontrado pelo deserto”, Cláudio Leitão mergulha na rica leitura que faz *De amor e trevas*.

Finalmente, Betty Bernardo Fuks, psicanalista e professora de um programa de mestrado em psicanálise, no Rio de Janeiro, tece considerações críticas sobre o livro *Retorno à questão judaica*, de Elisabeth

um livro memorialista, contendo aspectos do romance-de-formação de um escritor de língua hebraica. A memória aí se assemelha à recordação exata como um dos recursos de atração do leitor,

Roudinesco. Para a autora da resenha, em seu livro, Roudinesco propõe-se a interrogar a questão judaica além das barreiras ideológicas e a pensar o tema na fronteira entre o social e o singular subjetivo. Nas palavras da resenhista,

entre os rastros da História e os traços do sujeito do inconsciente, a autora empreende ampla e corajosa reflexão, a partir das categorias de *judaísmo* – o que recobre o conjunto das tradições culturais e religiosas do povo judeu –; da *judaicidade* – aquilo que designa expressamente o grupo judeu em sua totalidade demográfica, dispersa em várias comunidades através do mundo – e da escuta de sua própria *judeidade* e a de pensadores com os quais dialogou sobre a impossível "identidade" judaica.

Fuks esclarece sua interpretação de judeidade como

o modo como cada sujeito vive o seu judaísmo, a sua própria condição de ser judeu. Trata-se de algo a ser interminavelmente definido e sempre construído, num processo sem fim, jamais concluído, independente-

mente do fato da religião judaica contar ou não para o sujeito.

A partir de sua leitura do livro de Roudinesco, Fuks elabora, ainda, a relação entre judaísmo e psicanálise, discorrendo sobre vários posicionamentos de Freud sobre a questão.

Com mais este número da WEBMOsaICA, esperamos contribuir para a iniciação, em alguns casos, e a ampliação, em outros, do conhecimento sobre o judaísmo, mostrando parte de sua complexidade e de sua diversidade.

Queremos, finalmente, agradecer aos nossos colaboradores, sejam articulistas, artistas e designers, pareceristas, tradutores, revisores e diagramador que, voluntariamente, a exemplo de todos os que até agora prestaram sua inestimável contribuição intelectual à revista, tornam possível a continuidade de nosso trabalho e a publicação de mais uma edição da WebMosaica, garantindo-lhe a qualidade acadêmica e a apresentação gráfica que ela requer.

Os editores